

## **Entre fotografias e memórias: notas sobre a circulação das imagens técnicas na cidade de Mamanguape-PB<sup>1</sup>**

José Muniz Falcão Neto (UFPB)

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar dados, coletados para pesquisa de doutoramento em Antropologia, sobre circulação de fotografias antigas da cidade de Mamanguape - PB na rede mundial de computadores. Através do contato com antigos fotógrafos nesta cidade, pretende-se discutir como as fotografias do passado tem circulado no universo digital, em especial nos aplicativos que buscam simular redes sociais. Como os usuários destes programas compartilham imagens? Em que medida foram responsáveis pela digitalização? Como tratam da questão da autoria fotográfica nos seus compartilhamentos? Que tipo de narrativas e interatividades tais imagens agenciam e até que ponto esse tipo de circulação ajuda a refletir sobre a construção de uma memória fotográfica histórica no vale do Mamanguape. Tratando-se, pois, de uma etnografia das práticas fotográficas e da sua circulação em ambiente digital, busco analisar duas entrevistas realizadas com dois antigos fotógrafos deste município, no sentido de explorar algumas questões em seus relatos, desde a atribuição de autorias, contextos retratados e experiências da profissão de fotógrafo no século XX no vale do Mamanguape – PB. Nesse movimento, entre as vozes dos antigos fotógrafos e os conteúdos visuais e verbais das postagens de imagens nas redes sociais, são despertadas reflexões antropológicas em relação à fotografia antiga, sua circulação e os processos de colonialidade na constituição de uma memória visual na região.

**Palavras-chave:** Fotografia antiga, circulação, memória

### **Uma etnografia das práticas fotográficas analógicas e de sua circulação no universo digital**

Nesta seção destacamos a pesquisa de doutoramento cujo objetivo da investigação antropológica é compreender a circulação de fotografias analógicas no universo digital, na tentativa de refletir de como esta circulação tem contribuído na formação de uma memória histórica/visual da região. Para tal, será realizado breves apontamentos de alguns caminhos teóricos e metodológicos que o autor tem utilizado para pensar o circuito de imagens fotográficas analógicas na rede mundial de computadores (Hine; Parreiras; Lins, 2020) e de como estes aportes teórico-metodológicos têm nos projetado questionamentos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

sobre autorias fotográficas, a memória, os acervos, os processos de digitalização, os contextos de produção das imagens e como elas nos apontam processos de colonialidade no Vale do Mamanguape.

Com a atual circulação das imagens técnicas (Flusser, 1985, 2008) na rede mundial de computadores, vários(as) são os(as) moradores(as) das grandes e pequenas cidades do Brasil que se encontram e se (re)conectam a partir do compartilhamento das imagens do passado, isto é, das fotografias analógicas que são compartilhadas no universo digital.

Na sua passagem, a imagem fez um longo caminho: da pintura à fotografia, às telas das salas de exibição, à televisão, e por fim, aos computadores e às telas dos celulares. Segundo Lúcia Santaella (2010), saímos da era fotográfica, do processo químico, óptico e de corte na produção da imagem para a era pós-fotográfica, das imagens formadas e projetadas através dos "pixels na tela".

Passando por esse processo fotográfico, a introdução das imagens técnicas (Flusser, 1985, 2008) no Vale do Mamanguape, projeta-se no começo do século XX. Diante de estudos e pesquisas já realizadas em anos anteriores<sup>2</sup>, temos relatos das imagens<sup>3</sup> dos primeiros cinemas campais e mudos, que se apresentaram aos moradores da região, e posteriormente, após algumas décadas, aparecem o cinema os dois maiores cinemas da região, o Cine Eldorado (1965-1989) e o Cine Orion (1944-1988), localizados na cidade de Mamanguape (Falcão Neto, 2016, 2019). Paralelamente à entrada das imagens do cinema<sup>4</sup> surgem alguns fotógrafos (Lira, 1997; Mendonça, 2012) que registraram os eventos e as transformações políticas, sociais, culturais e técnicas destas cidades.

Algumas destas mudanças e acontecimentos são de grande importância e devem ser mencionados pois estruturaram e contribuíram para a formação de um ambiente urbano e moderno nos dois principais municípios do Vale do Mamanguape - PB (Mamanguape e Rio Tinto)<sup>5</sup>. Uma rápida urbanização/modernização reestruturou as

---

<sup>2</sup> Nesta pesquisa nos concentramos no Vale do Mamanguape. Alguns aprofundamentos nesse tema já foram realizados na cidade de Rio Tinto - PB. Ver *Ética, oralidade e pesquisa fotográfica* (Mendonça, 2012).

<sup>3</sup> Aqui menciona-se as imagens técnicas, ou seja, imagens produzidas por aparelhos (Flusser, 1985).

<sup>4</sup> Na região do Vale do Mamanguape, anteriormente ao Eldorado e Orion, havia o Cine São José, o Cine São Pedro e o Cine Moderno (Falcão Neto, 2019). Contudo, quero destacar que as imagens dos antigos filmes exibidos nos Cinemas Orion e Eldorado e as fotografias antigas capturadas destas salas, estão bastante presentes nas memórias dos(as) moradores(as) destas cidades (Falcão Neto, 2019; Falcão Neto; Mendonça, 2022; Mendonça, 2012, 2014).

<sup>5</sup> Só a partir de alguns anos os distritos e territórios de Mamanguape tornaram-se cidades, são eles: Itaporoca (1961), Jacaraú (1962), Baía da Traição (1962), Mataraca (1963), Capim (1967), Cural de

relações sociais e culturais da região, a instalação da Fábrica de Tecidos Rio Tinto - PB (Panet, 2002) no ano de 1927 e sua acelerada ação de urbanização/colonização (Palitot, 2017)<sup>6</sup> na região, onde construíram vários prédios públicos e casas para os operários (Donato, 2017), fizeram aparecer novos sujeitos sociais<sup>7</sup> que migraram em busca de trabalho à cidade fabril (Donato, 2017) e entre outros(as) moradores(as) que formaram e participaram de uma pequena elite da região<sup>8</sup>. Os eventos que ocorreram no início e final da década de 20 do século XX, após a instalação da Fábrica de Tecidos (Mello, 2002) até o final dos anos 80, são marcantes na memória dos(as) moradores(as) de Mamanguape e Rio Tinto, pois foram situações que transformaram e agiram diretamente na formação do Vale do Mamanguape e nas suas relações sócio-culturais.

Naqueles tempos de mudanças estavam os fotógrafos e suas máquinas analógicas que registraram e participaram das transformações cidadinas<sup>9</sup>. Com seus trabalhos de registros, relacionaram-se com várias famílias e capturaram ritos familiares, cívicos e institucionais, inaugurações, modificações arquitetônicas e entre outras situações da vida cotidiana. Atualmente muitas destas imagens produzidas no passado, rodam as telas dos computadores e dos celulares, aparelhos utilizados para o compartilhamento das imagens técnicas (Flusser, 2008) e que formam o simulacro (Cesarino, 2021 e 2022; Santaella, 2010) de (re)conexão com o momento pretérito.

O consumo imagético atual promovido pela abundância dos aparelhos e a reprodução da imagem técnica (Benjamin, 2012; Flusser, 2008) é um dos grandes desafios antropológicos para pensar a fotografia antiga, a sua circulação e o seu papel na construção da memória e da identidade (Candau, 2006; Pollak, 1992). Sendo assim, nestes caminhos iniciais, têm-se como proposta nesta pesquisa realizar uma investigação de algumas imagens do passado, as quais têm se apresentado nos compartilhamentos em rede (Cesarino, 2021), no intuito de compreender sua função atual, as inter-relações e agências (Gama, 2009; Gell, 1998) com os(as) moradores de Mamanguape. O objetivo maior é

---

Cima (1997), Cuité de Mamanguape (1994), Marcação (1994). Rio Tinto se elevou à categoria de município em 1956 (Panet, 2002).

<sup>6</sup> A instalação da Fábrica decorreu com a tomada de parte da terra indígena Potiguara da Aldeia de Monte-Mór.

<sup>7</sup> A região do Vale do Mamanguape era majoritariamente composta por indígenas Potiguara, pequenos agricultores e trabalhadores rurais, senhores de engenho, pescadores e comerciantes.

<sup>8</sup> Coronéis, diretores e donos da Fábrica, donos de engenho, políticos e famílias tradicionais. Os indivíduos pertencentes a estes segmentos estão bastante representados em fotografias antigas.

<sup>9</sup> Segundo André Rouillé (2009), a fotografia documento acompanha o processo de urbanização e modernização das cidades.

etnografar as práticas fotográficas analógicas e a duração das fotografias analógicas a partir de sua circulação em meios digitais na cidade de Mamanguape.

Os fotógrafos antigos foram também trabalhadores que participaram diretamente da vida como ela é e se transforma. Sendo parte e produtor do meio social, eram convidados por famílias, políticos, coronéis dentre outras autoridades da época, para registrarem situações políticas, culturais e sociais de relevância em diferentes contextos do país e da Paraíba (Lira 1997). Desta maneira, alguns *Fotos*<sup>10</sup> e fotógrafos se destacaram no vale do Mamanguape - PB e muitas das suas fotografias estão em posse de antigas famílias e/ou moradores(as) (Mendonça, 2012), em que na atualidade, se tem observado digitalizações e compartilhamentos de algumas dessas imagens em grupos de *Whatsapp*, Facebook e Instagram.

De início já podemos mencionar alguns caminhos trilhados na pesquisa e no reconhecimento de importantes fotógrafos do início do século XX na cidade de Mamanguape. A partir da pesquisa de campo e das bibliografias referentes a história de fotógrafos na Paraíba (Lira, 1997), constatamos a existência de dois importantes fotógrafos neste período, o professor Luiz Aprígio e Manoel Fernandes, este último, aprendiz de Luís Aprígio.

Aluno de Luís Aprígio quando tinha 13 anos, o Sr. Manoel Fernandes de Lima, hoje com 94 anos, lembra que seu mestre "*gostava muito de fotografia e naquele tempo era o único fotógrafo que existia por lá. Ele levava a máquina num tripé, cobria com um pano preto e o negativo era de vidro. ele ficava ali coberto todo para não poder entrar luz. ele revelava. Os retratos dele eram bem feitos. Ele gostava muito. Tinha muito retratos.*"<sup>11</sup> A fotografia de uma procissão numa rua de Mamanguape, do acervo de "seu" Manoel Fernandes (Foto 116) é atribuída a Aprígio e teria sido tirada em 1910. O estúdio de Luís Aprígio (Foto 117) era na sua própria residência na rua do Fogo, atual Oton Barreto. Seu Manoel Fernandes acredita que o fotógrafo tenha aprendido o ofício com o renomado Bruno Bourgard, quando o alemão se estabeleceu por um certo período em Mamanguape e onde conheceu Dona Sinhá com quem casaria (Lira, 1997 : 210).

Bruno Bourgard, mencionado pelo autor, era um dos fotógrafos itinerantes que saíam das grandes cidades às cidades do interior da Paraíba para produzir fotografias nas pequenas cidades (Lira, 1997). Manoel Fernandes, além de fotógrafo, era político e usineiro<sup>12</sup> e produziu um extenso acervo fotográfico, onde atualmente está em posse da sua filha. Algumas das fotografias tomadas por Manoel Fernandes em tempos pretéritos,

---

<sup>10</sup> Atualmente conhecido como estúdios fotográficos.

<sup>11</sup> Em depoimento ao autor, maio de 1996.

<sup>12</sup> Manoel, já falecido, era dono do Engenho Guarita e que posteriormente tornou-se a Usina Monte Alegre, atualmente ativa.

rodam o universo digital e são compartilhadas em grupos de Whatsapp, Instagram e Facebook<sup>13</sup>.

Pode-se destacar três principais páginas no Facebook, *Mamanguape conta as suas histórias*<sup>14</sup>, *Mamanguape minha terra*<sup>15</sup> e *Mamanguape de antigamente*<sup>16</sup>. Além destas, têm-se o perfil do administrador no Facebook, no Instagram como plataforma de compartilhamento de imagens antigas do Vale do Mamanguape-PB e um grupo privado no *Whatsapp*. Walfredo David Júnior, conhecido por Júnior da locadora, é morador de Mamanguape, colecionador de fotografias antigas e administrador das respectivas páginas citadas. As fotografias compartilhadas por este colaborador são constantemente comentadas e evocadas de maneira saudosista por aqueles(as) que se comovem e se relacionam com as imagens do passado.

Contudo, através da busca fotográfica no meio virtual, das pesquisas de campo já realizadas e uma investigação prévia sobre a história e atuação do *Foto Macedo*, antigo *Foto* que se localizava na rua Presidente de João Pessoa na cidade de Mamanguape - PB, construído por Raimundo Macedo<sup>17</sup>, que segundo Antônio Macedo<sup>18</sup>, Raimundo foi um dos pioneiros da fotografia na cidade e que seu trabalho foi continuado por Ronaldo Moreira, onde trabalhou 34 anos com fotografia no *Foto Macedo*, constatou-se inúmeras informações (Kossoy, 2001) dessas fotografias digitalizadas/compartilhadas, como autoria, ano, contexto e tecnologia, as quais trouxeram várias reflexões sobre as imagens do passado e sua circulação<sup>19</sup>.

Diante dos comentários, compartilhamentos e no questionamento de quais imagens aparecem publicamente na rede, as quais são compartilhadas por outros(as) moradores(as) ao colecionador que as compartilham no universo digital, surgem algumas perguntas que fazem refletir sobre as agências (Gell, 1998) dessas imagens com a

---

<sup>13</sup> No dia 15 de janeiro de 2024 fiz contato com o neto de Manoel Fernandes, Beto Fernandes, para saber das histórias do seu avô e de uma fotografia específica, tomada pelo Manoel no dia do encerramento das atividades do seu Engenho Guarita, localizado na cidade de Mamanguape. Esta imagem foi compartilhada por Beto, que fez uma foto da foto, por celular, e enviou ao Júnior da Locadora que a compartilhou nos grupos que administra nas redes sociais. No contato com Beto, obtive a informação que o acervo fotográfico de seu Manoel está em posse da sua filha Elizabeth Fernandes (Betinha), mãe de Beto Fernandes.

<sup>14</sup> Link: <https://www.facebook.com/mamanguapecontasuashistorias>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

<sup>15</sup> Link: <https://www.facebook.com/ComunidadeMamanguapeMinhaTerraMamanguapePb>. Acesso em 10 de mar. de 2022

<sup>16</sup> Link: <https://www.facebook.com/groups/215358138624944/media>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

<sup>17</sup> Antigo fotógrafo de Mamanguape já falecido.

<sup>18</sup> Genro de Raimundo Macedo, morador de Mamanguape e ainda vivo.

<sup>19</sup> Algumas das imagens arquivadas no acervo da pesquisa foi possível identificar as autorias de Ronaldo Moreira, Manoel Fernandes e Raimundo Macedo. Outros fotógrafos também têm sido identificados na pesquisa.

população do Vale do Mamanguape: que tipo de narrativas e interatividades tais imagens agenciam e até que ponto esse tipo de circulação ajuda a refletir sobre a construção de uma memória fotográfica histórica no Vale do Mamanguape?

Para responder essas questões, temos buscado bases teóricas e metodológicas que têm auxiliado na compreensão da circulação das imagens analógicas na contemporaneidade. Destacamos alguns(mas) autores(as) centrais para pensar a fotografia como Andre Rouillé (2009), Arlindo Machado (1984), Boris Kossoy (2001), Gisele Freund (1983) e Roland Barthes (1984) e partimos da concepção da fotografia como documento (Freund, 1983; Kossoy, 2001; Rouillé, 2009), juntamente a estas concepções fotográficas, temos buscado bibliografias para os estudos das memórias coletivas (Candau, 2013; Halbwachs, 2006 ; Pollak, 1989, 1992), como também, caminhamos na concepção de Vilém Flusser (1985 e 2008) da fotografia como imagem técnica, em que segundo o autor, as imagens técnicas são imagens produzidas por aparelhos industriais, que geram imagens por combinações químicas (imagens analógicas), e posteriormente, por combinações lógicas e os números binários formados pelos pixels (imagem digital). E este tipo de imagem produzem informações, e se produzem informações, conseqüentemente produzem/constroem memórias.

Um desafio se coloca no compartilhamento das imagens antigas na rede mundial de computadores para pensar a análise das imagens, as narrativas e interatividades dos(as) moradores(as) com as fotografias antigas compartilhadas. Como o compartilhamento de determinadas imagens nos provocam a refletir os processos de colonialidade (Lander; Mignolo; Quijano, 2005) na cidade de Mamanguape? E para este questionamento, quero destacar dois acervos até então relacionados à pesquisa, o de Elizabeth Fernandes moradora da cidade de Mamanguape, filha do antigo fotógrafo, político, senhor de engenho e usineiro Manoel Fernandes, e de Dona Nancy, indígena Potiguara da Aldeia Forte, parteira, enfermeira e a primeira mulher prefeita indígena da Baía da Traição - PB<sup>20</sup>.

Enquanto que parte do acervo de fotografias de Elizabeth tornou-se mais público, as histórias relacionadas a sua família tendem a serem mais evocadas na memória dos(as) moradores(as) do Vale quando se tem o enaltecimento dos assuntos relacionados

---

<sup>20</sup> O contato e encontro deste acervo foi durante as filmagens de um filme para o projeto “A terra que nos habita”, financiado pela Lei Paulo Gustavo do Estado da Paraíba. Nesta produção atuei como operador de som. E quando estávamos na casa de Dona Nancy, tive conhecimento das suas histórias de vida e seu acervo fotográfico.

a família Fernandes<sup>21</sup> a partir deste compartilhamento fotográfico. As imagens relacionadas ao acervo de Dona Nancy, não são públicas, ou seja, não estão na virtualidade com possibilidade de acesso e compartilhamento. Mas as suas histórias de vida também se relacionam com muitas imagens compartilhadas no universo digital, já arquivadas no contexto de pesquisa e que evocam “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989), pois sua experiência de vida revela outros assuntos e narrativas que estão para além dos enquadramentos fotográficos (Machado, 1984) tomados pelos antigos fotógrafos, inclusive, de fotografias produzidas por Manoel Fernandes. Sendo de contextos e posições sociais distintas, percebe-se uma diferença de compartilhamento de determinadas imagens no universo digital diante destes dois acervos e as experiências socioculturais das moradoras.

As imagens compartilhadas nas redes sociais, as quais estão arquivadas e fazem parte da pesquisa<sup>22</sup>, trazem em sua maioria, assuntos relacionados a urbanização do Vale do Mamanguape, prédios públicos, procissões, desfile cívico, os cinemas, a Fábrica de Tecidos, o colégio Instituto Moderno, as Igrejas, os engenhos, festividades, algumas repartições públicas, a antiga maternidade e algumas enfermeiras, a coronéis, a família Lundgren, diretores e trabalhadores da Fábrica, políticos da época, famílias tradicionais e a moradores(as) e famílias que tiveram e/ou ainda tem certos prestígios sociais na cidade. É visualmente e verbalmente<sup>23</sup> nítido que quando olhamos para estas imagens, o passado do povo indígena Potiguara fica “oculto”, uma vez que as fotografias compartilhadas acompanham as mudanças citadinas que estão atreladas aos modos de vida urbanizados ligados a uma “memória oficial” (Pollak, 1989) da história do Vale do Mamanguape<sup>24</sup>. O que se percebe é que tem se formado um conjunto de imagens no acervo da pesquisa através desses compartilhamentos na virtualidade. E este acervo já nos

---

<sup>21</sup> Família que durante grande período de tempo no Vale do Mamanguape foi dominante na questão política e econômica. Muitos integrantes (homens, especificamente) desta família atuaram como prefeito, vereador na cidade de Mamanguape e como senador e governador no estado da Paraíba.

<sup>22</sup> Até o momento fazem parte do acervo da pesquisa 629 imagens. Algumas destas imagens são fotografias tomadas pelo colecionador e administrador das comunidades virtuais. As imagens são relativas a casas, igrejas, ruas e outros espaços urbanos e pessoas, que segundo sua visão, tem uma importância histórica no Vale do Mamanguape.

<sup>23</sup> As imagens compartilhadas vêm com legendas que as descrevem, onde em certa medida, acaba direcionando a leitura da imagem.

<sup>24</sup> Segundo os indígenas Potiguara, o Vale do Mamanguape é território Potiguara. Atualmente, os aldeamentos indígenas localizam-se nas cidades de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. Porém, os(as) Potiguara também moram nas áreas mais urbanizadas dessas três cidades e em outras cidades do estado da Paraíba. Como também, há inúmeros indígenas localizados em sítios pertencentes à cidade de Mamanguape. Pude fazer essa constatação quando trabalhei como Agente Censitário Supervisor do IBGE no censo de 2020, que só pode acontecer no ano de 2022, devido a pandemia e as questões orçamentárias do governo federal.

revelam sequências de imagens associadas, majoritariamente, aos aspectos citadinos que enaltecem os assuntos fotográficos já citados. Quem era e porque era fotografado nos tempos antigos no Vale do Mamanguape? Quais as intencionalidades fotográficas naquele momento? O que se pensava do que deveria ser lembrado através das tomadas fotográficas? O que se colocava como importante para a fotografia?

E antes de finalizar a discussão, quero trazer um exemplo nesse conjunto de imagens que se forma, uma imagem bastante emblemática que expressa as condições de vida da época, as relações sociais e de poder e os avanços da modernidade/urbanidade em Mamanguape. Percebemos com essa imagem a potencialidade fotográfica para as interpretações antropológicas (Fraya, 2005), a qual tem gerado várias discussões acerca do compartilhamento fotográfico, das atuações dos antigos fotógrafos e os assuntos que essas imagens expressam e evocam.

**Figura 1** - Imagem compartilhada no grupo de Whatsapp *Mamanguape suas histórias*. Fotógrafo: Manoel Fernandes, ano: 1939. Acervo: Família Fernandes, em posse de Elizabeth Fernandes, sua filha. Legenda de compartilhamento: *Última moagem do Engenho Guarita, em 1939. Em seguida, no local, começou a construção da Usina Monte Alegre.*



Tendo em vista a potencialidade antropológica através da fotografia, essa imagem é um tanto curiosa quando observamos atentamente os personagens em seu quadro. Tipicamente uma foto posada, em que a maioria olha diretamente para a câmera



(fotógrafo), a imagem foi tomada pelo antigo fotógrafo Manoel Fernandes, um amante da fotografia do início do século XX, onde aprendeu a arte da fotografia com Luiz Aprígio (Lira, 1997). O engenho se localizava na cidade de Mamanguape - PB, onde atualmente a Usina Monte Alegre se encontra ativa e é responsável por uma grande massa empregatícia de trabalhadores(as) na região do Vale do Mamanguape - PB. Vale destacar, que no período colonial, Mamanguape foi um dos municípios que tinham uma grande massa de trabalhadores(as) escravizados(as), sendo umas das potências econômicas no estado da Paraíba (Lira, 1997) durante o século XIX e início do século XX.

A cidade, envolta a agricultura canavieira, dentre outras, utilizou-se da força motriz negra. Segundo Lima (2010, p. 68), Mamanguape, na metade do século XIX chegou a ter uma população escrava de 2.395 almas. Verifica-se, portanto, uma população numerosa, o que nos leva a compreender a dinâmica econômica a qual a cidade possuía, resultado do trabalho negro escravo (Lima, 2020, p. 680).

Essa imagem foi passada por Beto Fernandes para o colecionador que compartilha imagens nas redes sociais, Beto é filho de Elizabeth Fernandes. Ele fez uma foto da foto e enviou para o Júnior pelo whatsapp. Aqui vemos uma relação estabelecida e como se dá, também, algumas transferências fotográficas na atualidade e como essas antigas fotografias ganham vida e movimento ao entrarem na virtualidade. Deste modo, nos propomos perceber como vem se construindo uma memória coletiva e visual onde o passado do Vale Mamanguape é representado e construído pelo compartilhamento de imagens tomadas por antigos fotógrafos e suas máquinas analógicas, em que se estrutura um tipo de ethos (Bateson, 2008; Cesarino, 2022), ao que se tem apresentado, a partir dessas interatividades e agências (Gell, 1998) na virtualidade. O momento ainda não é para conclusões, mas de refletir que a existência de determinadas imagens e acervos compartilhados nas redes sociais, tem contribuído para a construção de uma memória enquadrada, a qual evoca apenas partes das histórias da população existente no Vale do Mamanguape. Outros contatos e entrevistas vêm sendo realizadas com os(as) moradores(as) do Vale do Mamanguape para tentar ainda mais conhecer esse universo imagético, de narrativas e histórias que se encontram “ocultas” dentro dos enquadramentos fotográficos e da memória.

## Referência bibliográfica

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. ISBN 85-209-0480-7.

BATESON, Gregory. **NAVEN (1936)**. São Paulo: Ed.Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_; MEAD, Margaret. **Balinese Character- a photopgraphic analysis**. The New York Academy of Sciences, volume II. New York, 1942.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 165-196.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La Poscolonialidad explicada a los niños**. (Capítulo: La Poscolonialidad explicada a los niños) Cauca: UniversidaddelCauca/Instituto Pensar - UniversidadJaveriana, 2005.

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa, Instituto Piaget, 2013.

CESARINO, Letícia. **O Mundo do Averso. Verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

\_\_\_\_\_. **Antropologia digital não é etnografia**: explicação cibernética e transdisciplinaridade. Civitas 21 (2): 304-315, maio-ago. 2021.

DONATO, Eduardo. **Os operários do Barão**: um diálogo sobre imagens, memórias e condições de existência do operariado brasileiro a partir do caso de Rio Tinto no século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Aplicadas e Educação/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2019.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In LANDER, Edgar. (org.) **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. ColecciónSurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

FALCÃO NETO, José Muniz. **Etnografias das memórias cinematográficas no vale do Mamanguape**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto.

\_\_\_\_\_. **Cinema no vale do Mamanguape**: aproximações antropológicas. 2016. Monografia (Bacharel em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba - Campus IV, Rio Tinto.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985. 92 p.

\_\_\_\_\_. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008. 204 p.

FREHSE, Fraya. Antropologia do encontro e do desencontro: fotógrafos e fotografados nas ruas de São Paulo. In: ECKERT, Cornélia; MARTINS, José de Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby. **O imaginário e poético nas Ciências Sociais**. Bauru: São Paulo - Edusc, 2005.

FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelon: Editorial Gustavo Gili, S.A, 1983. 207 p.

GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica**. Oxford: Clarendon, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 222 p. ISBN.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LANDER, Edgar. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In LANDER, Edgar. (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. ColecciónSurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

LIMA, Eliane Cruz de. Sob as bênçãos do rosário. In: MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque Fº (Orgs.). **3º Simpósio Nordeste da ABHR [recurso eletrônico on-line]: Religião, direitos humanos e laicidade: resistências, diversidades e sensibilidades**. João Pessoa: ABHR; Fogo Editorial, p. 674 -692, 2020.

MELLO, J. O. de A. Arqueologia industrial e cotidiano em Rio Tinto. In: PANET, A. et al. **Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano**. João Pessoa: UNIPE, 2002. p. 65-122.

MENDONÇA, João Martinho Braga de. **Ética, oralidade e pesquisa fotográfica**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 13, n. 31, p. 85-100, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/37033>>. Acesso em: 21 out. 2021. E-ISSN 1984-1191

\_\_\_\_\_. Pesquisa fotográfica e fílmica no litoral norte da Paraíba. In: FERRAZ, Ana Lúcia de; MENDONÇA, João Martinho de. (Org.). **Antropologia Visual: Perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília: ABA, 2014. Disponível em: <[http://www.aba.abant.org.br/files/119\\_00126706.pdf](http://www.aba.abant.org.br/files/119_00126706.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2021. ISBN 978-85-87942-25-8.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In LANDER, Edgar. (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. ColecciónSurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

PALITOT, E. M. **Mobilização étnica pós-industrial: Os Potiguara de Monte-Mor e a cidade de Rio Tinto**. Vol. 2 1. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, v. 2, p. 65-102.

PANET, Amélia. **Rio tinto: Estrutura urbana, trabalho e cotidiano**. João Pessoa: UNIPÊ editora, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In LANDER, Edgar. (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas.** ColecciónSurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

SANTAELLA, Lucia. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico.** 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec / Editora Senac SP, 2005, p. 295-307.